

8 poemas aos 45 do segundo tempo
natalie mess



mistério

respeito o mistério
em todas suas facetas
e acho que o respeito
é integração.

estou aprendendo a criar abstrações mais sofisticadas
onde o recurso palavra não seja entorpecente,
(a linguagem é uma abstração da matéria)
descer espiraladamente nos pontos mais profundos,
deixando rastros de poesia pelo caminho.

que essa caminhada seja compreensível,
– na medida do possível.
através dos diversos sentidos,
perpassando o mistério contido nas coisas que não sei,
e que mesmo sem a minha ciência,
continuam dançando o perigo.

polvo

quero te perguntar
como pensa um polvo
a etimologia da palavra jellyfish
a porção luminescente
de consistência desconhecida
que habita nos monstros de águas profundas
quero saber como os monstros são forjados historicamente,
amar e reconhecer minha dimensão monstruosa e salgada
imagens seculares que constitui tudo que você é
tudo que você chama de "eu"
a matéria da qual seus sonhos foram feitos,
a padronagem da trama de seu tecido,
tudo que de perto é mais bonito,
por ser simplesmente aquilo que é.

você tem a habilidade de sonhar em meio a guerra?
(sonhar se tornou tão íntimo)
você consegue um tempo pra jogar conversa fora comigo?

você quer tudo que eu não tenho
devoção pelo encantamento
eu quero o próximo passo fundamental
que cinde a juventude e o mito vaidoso da unidade
e enfim reconhece-se parte

não quero que me admire em todos os aspectos,
mas me perceba,
com a minha sensibilidade e violência,
– com aprovação e desaprovação quando preciso.

ao final da equação,
reconheça
que a assimetria da minha forma
faz sentido,
e me respeite por tentar
ser algo além do que sou.



mentira

me desculpe pelas mentiras,
a verdade às vezes habita nesses caminhos escorregadios.

essa é uma daquelas coisas
que a gente apenas não sabia
e passa a saber.

hipérbole

meu desafio
é ver poesia além da hipóérbole
equilibrar o pronome indefinido
e o imperativismo verbal
pra me reconhecer finita
cotidiana
e ainda assim
construir uma poesia que comunique algo

por isso vivo frações
aceito derrotas
e busco compreender a morte
pontos finais
doença
fome
violências
adiciões
obsessões
tristeza
apatia
amargura
dança
fantasias
e curas,
as vírgulas,
bem como o resto da sentença inteira.

na metragem da vida
eu sou mais alguém que se levanta pela manhã
constrói símbolos
liquidifica a dor
e chora quando é preciso.

*o amanhã vem,
por vezes é lindo.*

cavalo

você é grande
(maior que eu)
mas em certos ângulos
te vejo um recém nascido.

filho da madrugada,
descobrindo as extremidades,
tateando onde termina você
e onde eu inicio.

(pulsos – eletricidade – química)

teu corpo cobra
procura abrigo
na pele movediça
e eu te digo:

confiança é matéria gelatinosa
desconfortável
perigosa.
o tempo ensina a trabalhar com sua textura
a aprender sua língua
relaxar a musculatura
a criar o fundamento
que se faz no aquiagora
aquiagora
aquiagora

(silêncio)

teu ouvido não trabalha a frequência dos meus registros
quando eu te digo as coisas que grito
você não parece escutar.

é por isso que seu futuro
esse fruto do obscuro
é uma festa a qual não poderei participar.

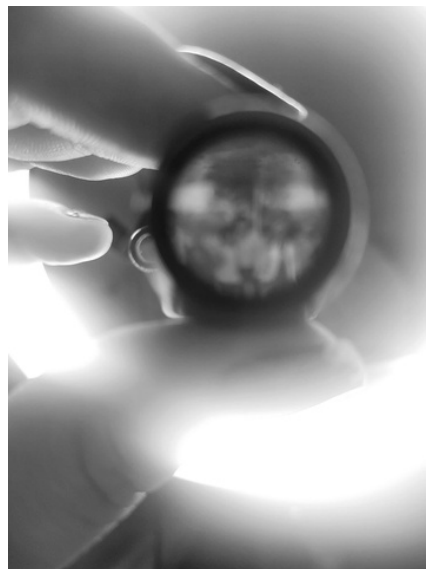
mas obrigada pelo convite

ode à ode

cantar faz sentido para mim.

coordenar essa musculatura invisível,
de forma a manipular ondas sonoras,
que tocam seus tímpanos
explodindo estímulos, memória, repúdios e aceitações.

não sei por quê fazemos música.
a razão da primeira flauta há 40.000 anos atrás,
o cotidiano rítmico nos vagões no delta do mississipi ,
o choro das plantações de algodão,
dos alarmes dos carros
do lundu, do ponto,
da catira incompreensível do Seu Pedro e seu violão de 12 cordas
– eles dançavam, elas faziam arroz com frango –
da melodia de pouca variação induzindo ao estado meditativo dos monges franciscanos,
as flautas egípcias reapropriadas pelos mcs ,
da sensação de desespero e esperança dos que pela música são escolhidos ,
desse pântano lodoso no recôndito da reverberação do dub,
como as pessoas transformam a fome, a violência, a dor e o gozo
nesse arranjo
sentido pelos surdos
sentido pelos santos
através de suas pausas.



o que eu sei é que eu tinha 7 anos
olho no espelho
os cabelos pretinhos e enrolados
a pele branca
as roupas da minha mãe no corpo
o desodorante forjava um microfone
e então ouço minha voz,
e vejo no ar esse algo invisível que vai além de mim.

lembro do gosto de ferrugem nas pontas dos meus dedos
sangrando a pratica de uma única canção
no violão que você havia me dado há tanto tempo
que jurei aprender a tocá-lo antes de você morrer
– e consegui.

quando te faltou o ar
– *esse luto que me visita há anos, difícil não derramá-lo agora* –
eu entendi que o som precisa do ar para se propagar
e tudo fez-se silêncio

silêncio é música também.

desde então todo canto que estive, a música me levou
todas as pessoas que amei, amavam a música primeiro
e faziam do som a nossa conversa.
na trama das nossas melodias,
timbres do nosso cotidiano
nos sons da infância, nossas referências,
manifestava-se tudo o que não pode ser dito
pois supera a fala
e faz disso sexo também.

é o que eu tenho de mais bonito
o deus que eu acredito e no qual eu habito
o movimento ascendente do fundo do poço para a parte rasa.

é nesse lugar inventado onde quero construir nossa casa.

